

FATORES ASSOCIADOS À DEPRESSÃO AUTORREFERIDA EM ACADÊMICOS DE MEDICINA DE UMA INSTITUIÇÃO PRIVADA DE ENSINO SUPERIOR DE BELO HORIZONTE

Ana Laura Prado Teixeira, Fernanda Lucas Avelar Pereira,
Luísa de Castro Araújo e Maria Clara Ferrari Munoz Muniz

Centro Universitário de Belo Horizonte

Medicina, campus Buritis. Orientador: Luís Antônio Batista Tonaco -
luysantonio@yahoo.com.br



Introdução

A depressão é definida no DSM-5 como um transtorno caracterizado pela presença de humor deprimido ou perda de interesse/prazer na maior parte do dia, quase todos os dias, durante pelo menos duas semanas. Além desses sintomas principais, é necessário apresentar pelo menos quatro outros sintomas, como alterações de peso ou apetite, insônia ou hipersonia, agitação ou retardo psicomotor, fadiga, sentimentos de inutilidade ou culpa, dificuldade de concentração e pensamentos suicidas. Essa condição afeta significativamente a vida social e o funcionamento geral dos indivíduos.

Dados globais mostram que o transtorno depressivo maior tem uma prevalência de 3,2% e está associado a impactos em diversas áreas, como alimentação, sono, emoções e pensamento. Estudos regionais indicam taxas mais altas entre estudantes de medicina, especialmente mulheres, como os de Karachi (9,7%), Faisalabad (57,1%) e Islamabad (40,9%).

Entre os fatores de risco demográficos destacam-se local de residência, estado civil, idade, escolaridade, doenças crônicas e consumo de álcool. No contexto universitário, estudantes enfrentam desafios significativos, como carga acadêmica intensa, exigências de alto desempenho e estresse psicológico, especialmente em cursos de medicina. Esses fatores podem levar ao surgimento de transtornos mentais, prejudicando o funcionamento cognitivo e a capacidade de aprendizagem.

Objetivo

O objetivo deste estudo é analisar os fatores associados à depressão autorreferida de estudantes de cursos de graduação da área da saúde.

Metodologia

O estudo transversal foi realizado em uma tradicional instituição privada de ensino superior de Belo Horizonte, Minas Gerais, com quase 60 anos de atuação. Participaram 375 estudantes de Medicina regularmente matriculados. A coleta de dados ocorreu presencialmente entre março e novembro de 2024, em ambiente reservado, utilizando um Termo de Consentimento Livre e Esclarecido e questionário online via Google Forms. O questionário abordou dados sociodemográficos, alimentação, atividade física, consumo de tabaco e álcool, peso, altura e morbidades referidas.

A variável principal foi a resposta afirmativa à pergunta "Já foi diagnosticado com depressão?", relacionada às variáveis explicativas: sexo, idade, cor ou raça, tabagismo, etilismo, sedentarismo e autopercepção de saúde. Os dados foram analisados no software Stata 16.0, com nível de significância de 5%. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa (CAAE 76042223.5.0000.5093) e seguiu as Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde.

Resultados

Dos 375 participantes do estudo, 27,47% (n=103) relataram depressão, enquanto 72,53% (n=272) não apresentaram sintomas. A depressão foi mais prevalente entre mulheres 82,52% (n=85) e indivíduos brancos 66,02% (n=68). A faixa etária mais afetada foi a de 17 a 24 anos, com 61,17% (n=63) dos casos.

Entre os participantes com depressão, 14,56% (n=15) eram fumantes, 63,11% (n=65) consumiam álcool e 83,50% (n=86) praticavam exercícios físicos. Em relação à autopercepção de saúde, 66,02% (n=68) avaliaram sua saúde como "Boa" e 33,98% (n=35) como "Ruim".

Categoria	Número (n)	Percentual (%)	P
Depressão			
Sim	103	27.47	
Não	272	72.53	
Sexo			0.006
Feminino	85	85.52	
Masculino	18	17.48	
Idade			0.464
17 a 24 anos	63	61.17	
25 a 34 anos	20	19.42	
35 a 44 anos	17	16.50	
Cor/ Raça			0.008
Branco	68	66.02	
Pardos	28	27.18	
Pretos	7	6.80	
Tabagismo			0.738
Sim	15	14.56	
Não	88	85.44	
Consumo de álcool			0.577
Sim	65	63.11	
Não	38	36.89	
Prática de exercícios			0.313
Sim	86	83.50	
Não	17	16.50	
Autopercepção da saúde			0.001
Boa	68	66.02	
Ruim	35	33.98	

Conclusão

A alta prevalência de depressão entre estudantes de Medicina está relacionada aos desafios do curso, como pressão por desempenho, longas jornadas de estudo e dificuldades emocionais. Esse ambiente pode gerar estresse, exaustão e sentimentos de incapacidade, agravando a depressão, especialmente em mulheres jovens. Embora a prática de exercícios físicos ajude, ela não é suficiente para combater os altos níveis de estresse. Além disso, comportamentos como o consumo de álcool e tabagismo podem piorar os sintomas. A autopercepção de saúde como "boa" pode atrasar o diagnóstico e tratamento. Portanto, é crucial implementar estratégias de apoio à saúde mental, como programas psicológicos e identificação precoce da depressão.

Referências

- TAVARES, A. C. DE S.; LIMA, R. F. F.; TOKUMARU, R. S. Teorias evolucionistas da depressão: panorama e perspectivas. *Psicologia USP*, v. 32, 2021.
- OPAS. Depressão - OPAS/OMS | Organização Pan-Americana da Saúde. Disponível em: <<https://www.paho.org/pt/topicos/depressao>>.
- BACHAYO RAJAR, A.; ASLAM CHANNA, N.; HANIF MUGHERI, M. View of Self-Reported Depression and Its Relationship with Socio-Demographic Characteristics among Medical Students. Disponível em: <<https://pjmhsnline.com/index.php/pjmhs/article/view/2560/2537>>. Acesso em: 26 nov. 2024.

Agradecimentos

Agradecemos a todos os estudantes de Medicina do Centro Universitário de Belo Horizonte, cujas contribuições foram fundamentais para a realização desta pesquisa.